

Ainda sobre a economia

Eu percebo a ideia da Cristina Santos quando se refere a uma espécie de "capitalismo assistido" por parte de algumas empresas. Temo que nas hostes liberais (contrárias a isto em teoria), seja essa no entanto a prática... Socialismo não é capitalismo assistido. Outra coisa completamente diferente é o investimento do Estado "em si próprio" para melhorar o nosso nível de vida - O chamado Investimento público, que tanto pode ser "despesa - pura - despesismo" se for descontrolado, como pode ser dívida legítima, e portanto aceitável à luz da democracia. Dívida legítima é por exemplo o investimento que os países fazem em ferrovia, linhas ferroviárias que permitem "economia", que permitem a existência do Alto Douro. Não confundir coisas é fundamental.

A existência da CP, entidade pública que investiu em Ferrovia (criando "dívida legítima") permite que as empresas possam situar-se em Braga e Guimarães ou Aveiro e os seus trabalhadores sejam habitantes do Porto, ou vice - versa... Este investimento do Estado é investimento que subsidia indirectamente a economia privada. E muito bem faz. Lixando-se depois com a ter que ouvir, ainda por cima, críticas injustas de "despesismo"... O que por sua vez é diferente do facto de haver um chefe para cada 16 trabalhadores na CP. Mas este aspecto que é, sim, despesista, não foi nem será tocado, porque há uma "independência" da administração (é um "conselho de accionistas que se auto-dirige..."). Não confundir coisas é fundamental.

Depois, há ainda a "dívida ilegítima" que resulta de crime e de cobertura do Estado desses crimes em benefício privado. Nacionalização dos prejuízos do BPN, dívida da compra de armamento-submarino, dívida de PPPs, em estilo "façam para aí que depois a gente paga-vos muito caro", delapidando o Estado e criando dívida futura. Nada disto é Socialismo. Capitalismo - assistido sim, para prejuízo nosso. Não confundir coisas é fundamental.

O Estado pode e deve incentivar a economia, é um dever que lhe assiste para benefício de todos. Outra coisa é dar benefícios "aos do costume". Não confundir coisas é fundamental. No Douro, não haver a quota de produção chamada de "benefício" lança naturalmente os pequenos produtores na desgraça do mercado liberal, ou seja, por uma questão de escala de produção a sua não-existência só permitiria a grande escala...

Devemos estar contentes pelo benefício que traz esta regulação e não usarmos constantemente o "orgulhosinho liberal" (é até um bocado burro) em "não aceitar qualquer benefício existente mesmo que deite as pessoas, famílias ou a economia abaixo". É o fanatismo liberal, agora transformado em ideologia de Estado, em Ditadura Liberal assistida pelo FMI, nem que para tal sejam necessários cobrar impostos cada vez mais colossais... Não confundir coisas é fundamental: é que cobram-se hoje impostos como nunca (pelos liberais, quem diria, hem?) mas não são para se pagar as desigualdades (isso era ser parecido com socialismo), mas para vender o Estado para pagar "a dívida".

A geração à rasca não é nem subsídio-dependente nem clama por preguiça ou viver à sombra do Estado. Não confundir coisas é fundamental. Os subsídios existem para ser usados em tempo de crise de emprego, familiar, etc, em que o capitalismo não está a criar emprego nem o Estado. E ambos se estão a furtar às suas responsabilidades... E quem descontou tem de ter direito a receber em proporção face ao que descontou. Não é uma regalia. É um direito. Não confundir coisas é fundamental. Para benefício da economia da pessoa e geral.

Pedro Figueiredo, 2011/10/28